



“Panorama da Cultura Árabe”

MÓDULO III: As Repercussões Culturais dos Árabes

Coordenação: Profs. Drs. Michel Sleiman e Soraya Smailii

AULA 8: AS MIL E UMA NOITES

Coordenador: Prof. Dr. Michel Sleiman

PALESTRANTE: Prof. Dr. MAMEDE M. JAROUCHE

Referência Bibliográfica: Jarouche, Mamede M - O Livro das Mil e Uma Noites – vol. 1 e 2 - Ed. Globo, 2005

Documento anexo em .pdf – *Um Mundo de letras e literatos* – Mamede Mustafa Jarouche – publicado na Biblioteca da Revista EntreLivros – Para Entender o Mundo Árabe – Março 2006 - www.revistaentrelivros.com.br

Limites do orientalismo

Mamede Mustafa Jarouche

Artigo publicado na Edição Nº 9 - julho de 2004 da Revista **História Viva**

O discurso de vários especialistas ocidentais sobre o Oriente, sobretudo o mundo muçulmano, faz parte de um aparato institucional que não buscava um saber desinteressado a respeito de seu objeto. Trata-se, segundo o crítico Edward Said (Orientalismo - 1979), de um conjunto imenso e sistematizado de disciplinas que constroem a imagem de um "Oriente" predisposto a sofrer intervenções ocidentais. Essa "instituição orientalista" se iniciou no século XVIII, mas o historiador medieval Guibert de Nogent (1053-1124) já garantia que Maomé não passava de um bispo que pretendia ser papa e que, vendo frustradas as suas ambições, resolveu fundar uma nova fé. Um dia, continuava Nogent, Maomé se embriagou, caiu e foi pisoteado por uma vara de porcos. É por isso, concluía ele, que os muçulmanos não bebem álcool e nem comem carne de porco.

Nem todas as "explicações" da época se mostravam tão falsas e enganosas. Contudo, eram quase sempre pejorativas, até porque surgiam num contexto de confronto religioso. Mais tarde, os iluministas franceses tomaram o Islã como o símbolo mais acabado do monstro que pretendiam combater: o despotismo cego e cruel. Em sua peça Maomé ou o Fanatismo, por exemplo, Voltaire descreve os árabes como "ladrões que tiveram sucesso". O harém muçulmano povoará como um fantasma o imaginário iluminista, especialmente equivocado na tradução de As Mil e Uma Noites, feita por Antoine Galland no início do século XVIII. O orientalismo propriamente dito foi fruto da expedição napoleônica ao Egito. A partir desse momento passam a se conjugar o poder colonialista europeu - e mais tarde americano - bem como o saber que irá legitimar as suas intervenções. Uma idéia derivada de Hegel é recorrente em boa parte dos textos orientalistas: a de que as civilizações do Oriente, sobretudo o muçulmano, são basicamente estacionárias e, nesse sentido, de algum modo exteriores à inexorável marcha do progresso. Suas populações seriam indolentes, fanáticas, facilmente impressionáveis, propensas à submissão mais abjeta etc. etc.

Essa caricatura marca o trabalho de escritores como Bernard Lewis e Daniel Pipes, cuja obsessão é a do "desenvolvimento interrompido" do Oriente e cujos trabalhos têm implicações sobre muitas das ações do Departamento de Estado americano. Em termos contemporâneos e internacionais, nomes como Titus Burckhardt e Henry Laurens já produziam um conhecimento desvinculado dos interesses políticos imediatos. Em nosso país não houve - talvez pela herança lusitana - uma tradição arraigada de estudos sobre o



“Panorama da Cultura Árabe”

mundo muçulmano, malgrado esforços isolados, como o de Miguel Nimer, na década de 40, autor do excelente *Influências Orientais na Língua Portuguesa*, e de José Khoury, autor de uma reconhecida tradução dos *Prolegômenos*, de Ibn Khaldun, historiador do século XIV. Hoje, impulsionados pela universidade, destacam-se, entre outros, trabalhos como os de Safa Jubran, Miguel Attie, Jamil Iskandar, Michel Sleiman, Rosalie Pereira de Castro e Osvaldo Truzzi. Cada qual em seu campo e a seu modo, esses pesquisadores cumprem o preceito do estudo desinteressado, no melhor sentido do termo, guiado pelo valor imanente do objeto de pesquisa e pela tentativa honesta de compreender essa nossa constante alteridade que é o Islã.

Mini Currículos Vitaes

MICHEL SLEIMAN - Professor Doutor pela USP onde é professor de Língua e Literatura Árabe, orientador e pesquisador junto ao Programa Pós-Graduação. Ensaísta e autor dos livros: *A poesia árabe-andaluza: Ibn Quzmán de Córdoba* e *A arte do zajal: estudo de poética árabe*, e co-autor de *A literatura doutrinária na corte de Avis* e *As cidades no tempo*. Editor do anuário *Tiraz - Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio*. Como poeta e tradutor, colabora com revistas nacionais, divulgando ao leitor brasileiro a poesia árabe medieval e contemporânea.

SORAYA SMAILI - Graduada pela Universidade de São Paulo, fez Mestrado e Doutorado em Farmacologia pela Escola Paulista de Medicina e estudos de Pós-Doutorado na Thomas Jefferson University e no National Institutes of Health, EUA. Professora livre-docente da Universidade Federal de São Paulo, onde é coordenadora da Pós-Graduação. Presidente do Instituto da Cultura Árabe.

MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE - professor de língua e literatura árabe na Universidade de São Paulo e atualmente dedica-se a tradução de “O Livro da Mil e Uma Noites” do qual já se publicaram 2 volumes. A tradução recebeu os prêmios como APCA, Jabuti entre outros. Traduziu também “Kalila e Dimna” e “Cento e um Noites”